

# COMUNS: III ENCONTRO DE ECOLOGIA POLÍTICA

11-13 Abril em Lisboa | 19 Abril em Coimbra



Info: [ecop.cria@gmail.com](mailto:ecop.cria@gmail.com)

## LIVRO DE RESUMOS



Com o apoio de:

Cosmos Campolide (Lisboa), Casa do Comum (Lisboa), República Bota-Abaixo (Coimbra)

## **Relembrar em comum: memórias e vivências do sistema agro-silvo-pastoril em Montesinho**

João Amieira (CRIA-NOVA FCSH/IN2PAST), Vitor Seripieri (CIMOIPB), José Castro (IPB), Amélia Frazão-Moreira (CRIA-NOVA FCSH/ IN2PAST), Marina Castro (CIMO-IPB/SusTEC)

Instituídas como Parque Natural, as serras de Coroa e Montesinho (nordeste de Portugal) são palco de grandes transformações sociais, económicas, políticas e ecológicas. Materializadas a diferentes escalas, temporais e espaciais, estes processos de mudança permanecem ainda hoje como memória, individual e coletiva. No seu contexto agro-silvo-pastoril, pastores e comunidades são a chave para a compreensão de como tais dinâmicas transformadoras se manifestam nos ecossistemas e nas (re)negociações das práticas e dos significados do presente, foco do projeto de investigação multidisciplinar PASTOpraxis (FCT MTS/CAC/0028/2020) em que este estudo se insere. Partindo de um conjunto de metodologias complementares, explorámos o modo como as memórias do sistema agro-silvo-pastoril são (re)significadas no presente. Com recurso a fotografias aéreas de 1968, organizaram-se encontros com as populações locais, permitindo um momento de reflexão sobre a paisagem e as memórias associadas. Conclui-se que, destes atos de relembrar em comum (re)nascem narrativas sobre o próprio tecido socioecológico das aldeias, permitindo reflexões sobre as transformações do sistema agro-silvo-pastoril, os antigos locais convívio e trabalho, as vivências de injustiças e desigualdades, e as relações multiespécie. Este (re)encontro sensorial com a paisagem e a memória torna-se, desta forma, indispensável para pensar em comum, futuros resistentes mais justos para todos.

## **Brincar no "tempo dos monstros" — Conflitos entre poder público e foliões no Carnaval de Rua de Lisboa**

Miguel Dores (CRIA-NOVA FCSH/IN2PAST)

Na última década diversas agremiações de foliões têm construído o que é hoje denominado de Carnaval de Rua de Lisboa. Este é notoriamente associado ao crescimento de fluxos migratórios brasileiros para a cidade. Se inicialmente estas ocupações do espaço público eram realizadas informalmente, ou como manifestação, a partir de 2020 a CML obrigou ao seu licenciamento enquanto “evento festivo”. Contrariamente, estas agremiações defendem o carnaval como “manifestação cultural”, visto considerarem o uso da rua como a exteriorização “de um costume, de um valor ou mesmo de um conceito intelectual com interesse coletivo”, conforme apresentado pelos petionários da petição Carnaval é um Ato Político na AML. O acirramento deste antagonismo levou ao cancelamento de doze desfiles carnavalescos em 2024 e posterior convocação de quatro protestos durante o Carnaval. A partir da observação participante destas mobilizações, procuro contribuir nesta investigação para o entendimento das estratégias de comunalização desta prática social e da sua antagonização com a mercadorização do espaço público. Fá-lo-ei, também, a partir do cruzamento da análise processual (Turner, 2008 [1974], p.39-40) deste conflito e de uma análise de conjuntura influenciada pela noção gramsciana de “interregno” (Gramsci, 1971 [1930], p. 276).